



<>
O prémio Martin,
 de Eugène Labiche,
 enc. Peter Stein, Odéon –
 Théâtre de l'Europe, 2013
 (< Jean-Damien Barbin
 e Jacques Weber;
 > Jacques Weber
 e Jean-Damien Barbin),
 fot. CTA.

O Festival Internacional de Teatro de Almada

Uma organização de diversidade única

João Carneiro

Em Julho de 2013 decorreu a trigésima edição do Festival Internacional de Almada. Foi criado em 1984, por Joaquim Benite. A regularidade do Festival – duas semanas em Julho – instalou-se como uma das suas marcas. Num mundo, num país e num contexto em que a noção de certeza é um absurdo, e a criação de expectativas apenas serve para tornar as pessoas familiares com a ideia de catástrofe ou, pelo menos, de infelicidade, tal atitude de fidelidade é um milagre.

Outro milagre é, evidentemente, a obstinação que faz com que uma pessoa crie uma regra e se mantenha fiel à mesma, sem disso esperar lucro financeiro imediato. Estas regras tão estritas foram, contudo, o quadro para uma organização de diversidade única.

O Festival de Almada era um Festival de Teatro. Era um festival que inicialmente pretendia mostrar o que se fazia em Portugal. Rapidamente começou a trazer para si também o teatro que se fazia fora de Portugal. E, de maneira regular e obstinada, passou a incluir ainda coisas que estão ligadas ao campo do espectáculo sem que tenham de ser teatro em sentido estrito – a música e a dança, de maneira quase inevitável. E passou a incluir manifestações do mundo da criação artística a que não é alheio quem é curioso e quem necessita da arte para existir: a literatura, as artes plásticas, o cinema, as

discussões sobre estas artes, e sobre as obras que se podiam ver no festival; e sobre as obras que não se viam no festival, mas de que se devia falar, que era bom conhecer.

O Festival mostrou coisas que nunca tinham sido reunidas assim entre nós, e que, mesmo sem ser entre nós, muito poucas vezes são assim chamadas a conviver, entre si e com o público. Teatro da Tunísia, de Cuba, da Argentina, da Finlândia, da Noruega, da Rússia, da República Checa. Teatro de pessoas como Denis Marleau com *Os cegos*, de Maeterlinck, teatro de Jacques Nichet, de Pippo Delbono, de Robert Cantarella, de Mathias Langhoff, de Spiro Scimone, de Fausto Paravidino e de Ascanio Celestini. Teatro de Oskaras Korsunovas, de Roger Planchon e de Josef Nadj. Teatro dos TgStan, de Philippe Genty, de René Pollesch, de Yaël Ronen. Do Teatro Praga, de Monica Calle, do Mundo Perfeito, de André Murraças. "Pesos pesados" inesquecíveis, como Benno Besson, como Bernard Sobel, que deixou um rasto de uma exemplaridade única, e como Peter Brook e a sua rara e difícil simplicidade. "Pesos pesados" que ninguém mais trazia, contra más vontades, modas e crises, como Peter Zadek e o seu sublime *Peer Gynt*, como o Piccolo Teatro de Milão e o mítico *Arlequim servidor de dois amos*. Golpes geniais como *I am the Wind*, de Jon Fosse, encenado em

> v

A última gravação de Krapp,
de Samuel Beckett,
enc. Petter Stein,
Klaus Maria Brandauer |
Co-produção
Wallenstein-Betriebs
GmbH, 2013
(Klaus Maria Brandauer),
fot. CTA.



inglês por Patrice Chéreau; Goethe, Labiche e Beckett encenados por Peter Stein. E Klaus Maria Brandauer, e Edith Clever. E Ricardo Pais, Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, João Mota, João Brites. E Olga Roriz. O novo e o velho, o antigo e o moderno, o conhecido e o desconhecido; o genial e o duvidoso, o que deslumbra, o que causa perplexidade, o que enfurece.

O Festival de Almada, como é próprio da palavra "festival", foi sempre um período de celebração e de grande júbilo. O público foi sempre imenso e fidelíssimo - aqui, a constância do seu fundador encontrou um rival à sua altura. É curioso que, tendo sido chamado Festa de Teatro, Festival de Teatro de Almada, e, finalmente, Festival Internacional de Teatro de Almada (apesar de extravasar, hoje em dia, dos limites estritos de Almada), basta dizer, coloquialmente, Festival de Almada para que se saiba do que estamos a falar. O "internacional" passou a fazer parte do nome sem que seja preciso dizê-lo. Passou a ser natural, como realmente deve ser. Como lição e exemplo de cosmopolitismo, este facto deveria ser matéria de reflexão.

Desde 2013, altura da trigésima edição, o Festival passou a ser dirigido por Rodrigo Francisco, pela simples e tremenda razão de Joaquim Benite já não estar cá para o fazer. Esta primeira edição da nova fase foi uma edição marcada por dois traços fundamentais: um prende-se com uma continuidade, entre esta última e as anteriores edições, sem rupturas; se marcas acrescentadas houve, elas podem reconduzir-se a uma sensível, gratificante e compreensível carga emocional que se manteve ao longo das duas semanas de Julho. Outro traço foi uma vontade de estar atento ao presente, tanto ao presente do mundo, em geral, como ao presente da criação artística, sem perder de vista a lição daqueles com quem se aprendeu a querer conhecer os outros. Parece-me isto o mais importante.

Resta acrescentar um aspecto que não é possível descrever sem alguma deselegância, mas que é impossível



escamotear, e que se prende com a recusa em transformar o festival numa feira de teatro, num horizonte de formatação da criação artística. De facto, o Festival de Almada, reflectindo nisto, rigorosamente, a personalidade do seu fundador, deve a sua existência ao interesse pela criação artística, pelas obras e pelos artistas. Nunca foi uma instância de legitimação, uma máquina de conferir legitimidade, um aval de respeitabilidade. Isto é, hoje, cada vez mais difícil e mais raro; e, em sentido próprio e em sentido figurado, não tem preço.